

>> *Temática Especial*

## “Então vamos aprender a brigar, tio?” Tematizando as lutas em uma escola pública de tempo integral no município de Porto Franco (MA)

Kelvin Jhonn Dos Santos Neves\*

Bruno Fernandes Antunez\*\*

Adriano Lopes de Souza\*\*\*

Mayrhone José Abrantes Farias\*\*\*\*

### Resumo:

O presente trabalho teve como objetivo compreender o ponto de vista de crianças do 4º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública de tempo integral na cidade de Porto Franco (MA), acerca das lutas. Participaram da pesquisa um total de 27 crianças, com faixa etária entre 9 e 10 anos. Do ponto de vista metodológico, trata-se de uma pesquisa de campo de caráter transversal e interventivo, dividida em duas etapas: 1 – realização de uma roda de conversa e elaboração de desenhos temáticos, como forma de mapear compreensões introdutórias desses sujeitos em relação as lutas; e 2 – realização de um bloco de 6 (seis) intervenções com o conteúdo lutas na escola, a partir de jogos de oposição. A análise qualitativa dos registros de campo nos permitiu perceber que a compreensão inicial das crianças acerca das lutas, em larga medida, era composta por uma associação com condutas violentas, apreendidas no cotidiano, dentro e fora da escola, além do forte apelo midiático. Concluímos, a partir das intervenções, que a distorção na representação das lutas e a associação com a temática violência, antes apresentada pelas crianças, foi ressignificada após a vivência das atividades propostas.

### Palavras-chave:

Educação física escolar. Violência. Jogos de oposição.

\* Licenciado em Educação Física (UFNT). Coordenador Pedagógico da Secretaria Municipal de Educação de Porto Franco (MA). E-mail: [kelvinjhonn@msn.com](mailto:kelvinjhonn@msn.com). ORCID iD: <http://orcid.org/0009-0004-7020-7899>.

\*\* Mestre em Atividade Física e Desempenho (UFPel). Professor do Curso de Educação Física da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). E-mail: [brunoantunez@uft.edu.br](mailto:brunoantunez@uft.edu.br). ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0002-3162-6466>.

\*\*\* Doutor em Educação Física (UFES). Professor do Curso de Educação Física da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). E-mail: [adriano.lopes@uft.edu.br](mailto:adriano.lopes@uft.edu.br). ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0002-7036-573X>.

\*\*\*\* Doutor em Educação Física (UnB). Professor do Curso de Educação Física da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). E-mail: [mayrhone@uft.edu.br](mailto:mayrhone@uft.edu.br). ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0002-1641-1950>.

## “So shall we learn to fight, Uncle?” Thematizing the struggles in a full-time public school in the city of Porto Franco (MA)

**Abstract:** The present work aimed to understand the point of view of children in the 4th year of elementary school in a full-time public school in the city of Porto Franco (MA), about struggles. A total of 27 children, aged between 9 and 10 years, participated in the research. From a methodological point of view, this is a cross-sectional and interventional field research, divided into two stages: 1 – Conducting a conversation circle and elaborating thematic drawings, as a way of mapping these subjects’ introductory understandings in relation to the struggles; and 2 – realization of a block of 6 (six) interventions with the content struggles at school, based on opposition games. The qualitative analysis of the field records allowed us to perceive that the initial understanding of the children about the fights, to a large extent, was composed of an association with violent conduct, apprehended in everyday life, inside and outside the school, in addition to the strong media appeal. We concluded, based on the interventions, that the distortion in the representation of struggles and the association with the theme of violence, previously presented by the children, was re-signified after experiencing the proposed activities.

**Keywords:** School physical education. Violence. Opposition games.

## “Entonces, ¿aprenderemos a pelear, tío?” Tematizando las luchas en una escuela pública de tiempo completo en la ciudad de Porto Franco (MA)

**Resumen:** Este trabajo tuvo como objetivo comprender el punto de vista de los niños del 4º año de la escuela primaria en una escuela pública de tiempo completo en la ciudad de Porto Franco (MA), sobre las luchas. Un total de 27 niños, con edades entre 9 y 10 años, participaron en la investigación. Desde el punto de vista metodológico, se trata de una investigación de campo transversal e intervencionista, dividida en dos etapas: 1 – Realización de una rueda de conversación y elaboración de dibujos temáticos, como forma de mapear las comprensiones introductorias de estos sujetos en relación a las luchas; y 2 – Realización de un bloque de 6 (seis) intervenciones con el contenido Luchas en la escuela, a partir de juegos de oposición. El análisis cualitativo de los registros de campo permitió percibir que la comprensión inicial de los niños sobre las luchas, en gran medida, estaba compuesta por una asociación con conductas violentas, aprehendidas en la vida cotidiana, dentro y fuera de la escuela, además de el fuerte atractivo mediático. Concluimos, con base en las intervenciones, que la distorsión en la representación de las luchas y la asociación con el tema de la violencia, previamente presentada por los niños, fue resignificada después de la vivencia de las actividades propuestas.

**Palabras clave:** Educación física escolar. Violencia. Juegos de oposición.

### Introdução

A escola, em via de regra, pode ser considerada como um lugar propício para o desenvolvimento integral de crianças e jovens. Afinal, trabalha um espectro diversificado de aprendizagens, incluindo aspectos históricos, culturais, cognitivos, afetivos e sociais, os quais estão inseridos nas interações cotidianas. Com efeito, em que pese a importância da escola para o crescimento dos sujeitos educandos, é preciso ter presente que tal ambiente também possui grandes desafios, incluindo, por exemplo, a questão da indisciplina e da violência escolar (MARTINS, 2005). A

primeira, aliás, parece agravar as ocorrências de ações violentas nas escolas e, conseqüentemente, acarreta impactos negativos nos processos de ensino e de aprendizagem (SOUZA, 2013).

Dessa forma, se faz necessário recorrer a ferramentas pedagógicas com potencial de transformação, dentre as quais, importa-nos destacar as lutas. N. Gomes *et al.* (2013) apontam que a Educação Física, por meio do conteúdo lutas, contribui na formação de sujeitos críticos, capazes de refletir e intervir em conjunturas marcadas por condutas violentas. Ademais, consideram que através da vivência e apropriação do conteúdo das lutas, nos seus mais diversos aspectos, as crianças e os jovens aprendem – entre outras questões – a diferenciar práticas violentas de práticas corporais com foco na educação, lazer, saúde etc.

Sob um ponto de vista curricular, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) dispõe de uma unidade temática específica para as lutas, onde apresenta os conteúdos a serem trabalhados, descrevendo tais manifestações como: “[...] disputas corporais, nas quais os participantes empregam técnicas, táticas e estratégias específicas para imobilizar, desequilibrar, atingir ou excluir o oponente de um determinado espaço, combinando ações de ataque e defesa” (BRASIL, 2018, p. 218).

Na mesma direção, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN’s) já apontavam que as lutas auxiliam a ampliação dos saberes relacionados às concepções e atitudes dos alunos, utilizando como ferramenta a cultura corporal do movimento (BRASIL, 1997). Esse tratamento pedagógico promove opções mais autônomas, proporcionando a obtenção de valores e atitudes que modifiquem o modo dos sujeitos interagirem no mundo, além de influenciar na tomada de decisões mais conscientes.

De mais a mais, recorremos ao conceito proposto por Correia e Franchini (2010, p. 1) para as lutas, reconhecendo-as como “[...] embates físicos/corporais por intenções de subjugações entre os sujeitos a partir de conflitos interpessoais e, invariavelmente, por conteúdos humanos contraditórios e ambivalentes”. Outrossim, cabe-nos destacar que, para além dos delineamentos de definições de ordem conceitual, é indispensável a compreensão das lutas como conteúdos que compõem o acervo da cultura corporal nas aulas de Educação Física escolar (RUFINO; DARIDO, 2011). Dessa forma, destacam-se aspectos de sua historicidade, sentidos e significados culturais e elementos que dialogam com o cotidiano dos sujeitos escolares.

Nesse bojo, a proposta de estudo emerge da identificação de narrativas e condutas violentas que permeiam o contexto escolar da cidade de Porto Franco, no Estado do Maranhão. Assim, a partir das vivências do Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental II (1º ao 5º ano), promovidas pelo curso de Licenciatura em Educação Física de uma Instituição de Ensino Superior (IES), percebemos o quanto o imaginário da violência permeia o imaginário das crianças no cotidiano escolar, modulando, inclusive, ações e práticas corporais que não imprimem limites muito bem delineados entre condutas violentas, brincadeiras e/ou gestos de lutas.

Portanto, o presente estudo objetivou compreender o ponto de vista de crianças do 4º ano do ensino fundamental de uma escola pública de tempo integral da cidade de Porto Franco (MA) acerca das lutas. Para tanto, considerou-se suas produções culturais e vivências nas intervenções pedagógicas promovidas com os jogos de oposição. Ademais, tais questões podem responder problemas acadêmicos e dar visibilidade para conteúdos e questionamentos que já permeiam a relação do conteúdo lutas no campo da Educação Física.

## **Delineamentos metodológicos**

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa de campo, de caráter transversal e interventivo, sistematizado em duas etapas: a primeira corresponde ao mapeamento de compreensões introdutórias das crianças em relação as lutas por meio de uma roda de conversa e da produção

de desenhos temáticos; a segunda trata-se de um bloco intervenções pedagógicas com o conteúdo lutas, realizados em aproximadamente 8 semanas.

A instituição em que se desenvolveu a pesquisa é uma escola pública, que se localiza em Porto Franco (MA), na qual são atendidas aproximadamente 170 crianças do 1º ao 5º ano de Ensino Fundamental. Elas são distribuídas em 8 turmas, todas funcionando em tempo integral, com nove horas de atividades ininterruptas, incluindo o horário de almoço. Por estar situada em área de vulnerabilidade social, a escola tem como propósito atender a população mais carente do bairro e do seu entorno, oportunizando aos alunos um melhor aproveitamento de aprendizagens a partir da ampliação da jornada.

Nesse contexto, participaram da pesquisa um total de 27 crianças do 4º ano do ensino fundamental da referida escola, sendo 15 meninos e 12 meninas, com faixa etária entre 9 e 10 anos. A turma era gerida por uma professora, que contava com o auxílio de um professor de Educação Física, duas vezes por semana. Ressaltamos que no decorrer de todo percurso no campo com os participantes, buscamos respeitar as prerrogativas éticas de pesquisa com crianças, abrangendo desde os momentos de abordagem, orientação, interações, até a produção de registros (WARSCHAUER, 1993). Outrossim, importa-nos ressaltar que, em consonância com as questões éticas de pesquisa, fizemos a opção por atribuir nomes fictícios às crianças que participaram do estudo, lançando mão do nome de famosos lutadores brasileiros de Artes Marciais Mistas (MMA), garantindo aos referidos sujeitos o devido anonimato.

Sublinha-se, ainda, que a escolha da escola perpassou não apenas pela oportunidade do Estágio Supervisionado pontuado alhures, mas, por se tratar de ser uma instituição de tempo integral, intentando, destarte, proporcionar às crianças “[...] uma escolarização formal ampliada por um conjunto de experiências esportivas, artísticas, recreativas ou temáticas, em complementação ao currículo escolar formal” (GUARÁ, 2006, p. 18). Já a opção pela turma de 4º ano ocorreu em virtude de as crianças estarem em um momento intermediário dentro da primeira etapa do ensino fundamental, não se caracterizando como “tão pequenas” e nem como “tão grandes”, o que facilitou na composição das intervenções.

Para a produção das informações em campo utilizou-se de desenhos como uma representação de um contexto social, histórico e cultural em que a criança está inserida (GOBBI, 2012). Além disso, também lançamos mão da composição de um diário de campo para os registros das interações com as crianças nas rodas de conversa e nas intervenções. No que se diz respeito à confecção dos desenhos pelas crianças, esta ocorreu na primeira etapa do estudo, mobilizada pela seguinte questão geradora: “O que vocês entendem por luta?”. As compreensões das crianças serviram de base para o planejamento da etapa subsequente, na qual foi realizada um bloco de seis intervenções pedagógicas com o conteúdo lutas. Sublinhamos que ao final do último encontro ocorreu novamente um momento de roda de conversa para verificar os entendimentos das crianças após as vivências nas aulas.

No transcurso das intervenções foi elaborado um planejamento com uma problemática de estudo central, em conformidade com o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, que norteou toda a execução das aulas. Com efeito, na tentativa de torná-las mais dinâmicas, buscamos utilizar recursos diversificados, tais como vídeos interativos, slides e textos planejados previamente para a abordagem do tema. Com esse suporte, associados ao resgate histórico das vivências, bem como à contextualização das lutas com temas atuais, viabilizamos as ferramentas necessárias para que as crianças assimilassem de forma mais sensível os aspectos do cotidiano que atravessam a cultura corporal local.

Nessa perspectiva, as aulas ministradas tiveram como suporte teórico-metodológico o uma diversidade de aspectos relacionados à prática das lutas, cuja temática central foi trabalhada abrangendo as três dimensões de conteúdo propostas por Coll *et al.* (2000): conceitual, atitudinal

e procedimental. A seguir, apresentamos um quadro com a proposta de intervenções apresentada na escola:

**Tabela 1 – Bloco intervenções do conteúdo lutas na escola**

Aula	Conhecimentos/Habilidades/Atitudes	Conteúdos/Atividades
1	Características de lutar Diferenciando lutas de brigas As lutas de demonstração	Seguindo os movimentos do professor Imitando os animais
2	Compreendendo as características de lutar Jogos de lutas	Pega-pega das lutas Prendedores em grupo Luta das bexigas Lutando por território
3	Compreendendo as características de lutar Jogos de lutas	Jogo de imobilizar Jogo de conquistar território Pé com pé
4	Jogos de lutas de longa distância ações de média distância – toque no outro	Lutando pelo bastão Tirando a fita do outro Pega-pega com espadas Lutando com espadas em duplas
5	Jogos de lutas de média distância ações de curta distância – agarre no outro	Garrafa no chão <i>Kabaddi</i> Jogos de desequilibrar
6	Jogos de lutas de curta distância ações de curta distância – agarre no outro	Brincando de sumô A bola é minha Amigo do peito

Fonte: Elaborado pelos autores.

Ademais, as informações produzidas em campo foram analisadas de forma qualitativa, procurando a triangulação de informações entre os pontos de vista dos sujeitos, do pesquisador e da literatura (MOLINA NETO, 2004). Como aporte teórico, foram considerados estudos concernentes à temática, tanto no âmbito da Educação Física, quanto de outras áreas, que dispõem de diálogo direto com a Sociologia da Infância (CORSARO, 2011; BUCKINGHAM, 2000; WIGGERS, 2005; FARIAS; WIGGERS; ALMEIDA, 2019).

## Resultados e discussões

### a. Sobre a compreensão das crianças acerca das lutas

Com base na questão geradora proposta às crianças “O que eu entendo por luta?”, foi possível identificar algumas pistas sobre como elas compreendiam as lutas, relacionando-as muitas vezes com práticas de violência. Na roda de conversa emergiram aspectos como a violência doméstica, a violência na comunidade, as condutas agressivas na escola e as “brincadeiras de lutinha”. Percebendo a pulverização dos assuntos em suas falas na roda de conversa, propomos a produção dos desenhos no encontro seguinte e com eles conseguimos dispor de uma visão mais aproximada do entendimento particular das crianças acerca das lutas e, de maneira especial, notamos o potencial de interferência que as mídias exercem no público infantil.

Nesse sentido, constatamos alguns desenhos que abordam perspectivas distintas, porém, que se coadunam entre si, com destaque para o desenho realizado por Wanderlei Silva (10 anos), representado na Figura 1. Conforme relatado pelo autor: “[...] imaginei uma luta entre dois personagens mais fortes que existem, Goku de Dragon Ball com o poder da genki dama e o Naruto com chidori e rasengan”.

**Figura 1 – Desenho feito por Wanderlei Silva**



Fonte: Acervo dos autores.

A *Genki dama* relatada por Wanderlei é uma forma de ataque no desenho animado *Dragon Ball*, considerado o mais poderoso da série. *Chidori* e *Rasengan*, por sua vez, são técnicas poderosas observadas em outro anime, o *Naruto*. Sendo assim, com base no observado, é notório que as crianças se apropriam do conteúdo apresentado na televisão para demonstrar através do desenho o seu entendimento sobre as lutas (FARIAS; WIGGERS, 2015).

Nesse contexto, Buckingham (2000) corrobora tal dado ao pontuar que a infância contemporânea está definida, em larga medida, pela mídia moderna, presente na TV, nos jogos de computador, na internet e na telefonia móvel. De forma sintomática, pode-se articular que a presença das mídias não promove mudanças somente nas brincadeiras, mas na própria criança que brinca.

Em outro desenho (Figura 2), dessa vez produzido por Anderson Silva (10 anos), as lutas se parecem com as brigas de rua que ele já presenciou no bairro onde mora. Conforme relatado pela autoria: “[...] no meu bairro eu vi uma vez três caras lutando contra um rapaz, ele caiu no chão e apanhou muito, outra vez eu vi a polícia lutando contra uns bandidos também”.

**Figura 2 – Desenho de Anderson Silva**



Fonte: Acervo dos autores.

Com base no desenho e no respectivo depoimento, é possível evidenciar que Anderson Silva faz associação das lutas com o contexto violento da realidade contextual em que está inserido,

relatando conflitos entre facções e até mesmo ações da polícia no combate à criminalidade, tal como também foi identificado no estudo realizado por Farias e Wiggers (2015).

É importante ressaltar que o bairro onde a escola está localizada (e onde a maioria dos alunos residem) é marcado pelas mais diversas situações de violência e, na maioria das vezes, possuem ligação direta ou indireta com a presença do tráfico de drogas. Destacamos que após Anderson Silva comentar o que viu em seu bairro e descrever os atos violentos que já presenciou, outras crianças foram citando situações semelhantes às relatadas pelo colega.

Também nos chamou a atenção o desenho de Rodrigo Minotauro (10 anos), cuja produção exhibe um grupo de crianças aparentemente trocando socos (Figura 3). Conforme relatado pelo autor: “a gente brinca de lutinha no intervalo, professor, cada um de nós é alguém de um desenho, eu gosto de ser o Wolverine do X-Men, a gente não se machuca de verdade, é só de brincadeira”.

**Figura 3 – Desenho de Rodrigo Minotauro**



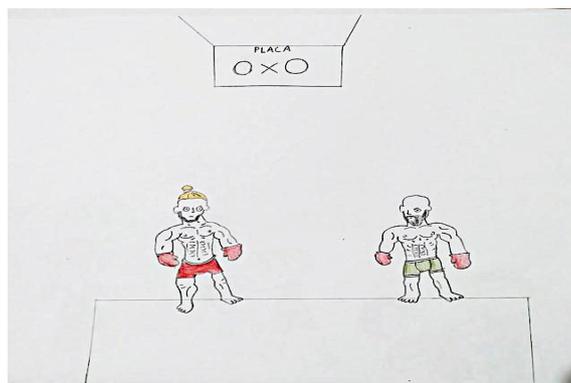
Fonte: Acervo dos autores.

Na fala de Rodrigo Minotauro, ele evidencia que, em sua concepção, as lutas podem ser representadas por “brincadeiras de lutinha”, em que cada criança assume um personagem de desenho ou filme e, a partir de então, esboçam golpes fictícios, como chutes, socos, empurrões, puxões e agarrões, travando batalhas entre heróis e vilões de maneira lúdica.

Com efeito, observa-se que as “brincadeiras de lutinha” citadas por Rodrigo Minotauro fazem parte do universo das práticas corporais infantis em que as crianças criam e encenam suas próprias histórias, se apropriando do real sentido e significado que a brincadeira proporciona a partir dos movimentos e ações decorrentes da sua imaginação (WIGGERS, 2005; FARIAS; WIGGERS; ALMEIDA, 2019).

Outro desenho que merece destaque em nossas análises diz respeito à produção de Jéssica Andrade (10 anos), cujo conteúdo ilustra uma luta institucionalizada em que dois lutadores estão em um ringue. De acordo com a autora: “eu conheço as lutas porque vejo meu pai lutando jiu-jitsu na academia. Eu assisto é muito o MMA junto com o meu pai, tio no MMA é uma mistura de vários tipos de lutas”.

**Figura 4 – Desenho de Jéssica Andrade**



Fonte: Acervo dos autores.

A partir da fala da Jéssica, pudemos observar outra vez o potencial das mídias para interferir no cotidiano das crianças e dos jovens, mais especificamente a partir da inserção das lutas de MMA, evidenciando que a demanda social pela prática das lutas tem presença marcante na esfera social mais abrangente (DEL VECCHIO; FRANCHINI, 2006).

De fato, observa-se que a sua ampla divulgação por parte das academias de luta, da TV ou da internet tem aproximado cada vez mais tais sujeitos dessa manifestação da cultura corporal. Ora, compreendemos que essa intensa massificação abre um espaço profícuo para debates e reflexões no ambiente escolar, tornando-se pertinente elucidar a relação dessa modalidade com a violência nas aulas de Educação Física escolar.

Conforme o exposto, percebe-se que as crianças tendem a relacionar as lutas com o contexto social em que estão inseridas. Além disso nota-se uma interferência das mídias na representação que as crianças fazem sobre as lutas onde elas se apropriam dos conteúdos exibidos na TV para contextualizar suas respectivas brincadeiras (FARIAS; WIGGERS; ALMEIDA, 2015).

De forma análoga, constata-se que os desenhos trouxeram muitas pistas para repensarmos sobre a temática central da presente pesquisa, na tentativa de compreender a perspectiva das crianças acerca das lutas e mapear o que acontecia nos corredores da escola. Sobre esse ponto, identificamos que algumas crianças da turma de 4º ano do fundamental pareciam ser agressivas e/ou violentas, cujas ações até então eram incompreendidas. Em linhas gerais, as conversas e os desenhos produzidos com as crianças, viabilizaram uma melhor interação entre pesquisador-pesquisado, possibilitando, destarte, a produção de registros valiosos em campo no que tange as suas concepções sobre as lutas.

#### **b. Sobre as intervenções com os jogos de oposição**

Após a roda de conversa e a produção dos desenhos com as crianças, planejamos as intervenções pedagógicas com o conteúdo lutas. Para isso, conforme mencionado alhures, projetamos um bloco com seis aulas cujo enfoque das intervenções foi proporcionar vivências com as lutas, viabilizando as crianças o conhecimento do próprio corpo e do corpo de seus pares, bem como das regras existentes para que a prática se tornasse segura para todos(as). Em consonância ao cronograma estabelecido, priorizou-se que fossem trabalhados inicialmente os aspectos de caracterização das lutas.

Ademais, para ensinar as características das lutas, utilizamos os jogos de oposição como ferramenta pedagógica. Através das vivências por meio dos jogos, as crianças puderam aprender aspectos históricos, significados socioculturais, gestos técnicos e benefícios que as lutas podem proporcionar. Além disso, tal como pontuado por Câmara e Duarte (2013), é preciso ter presente

que os jogos podem possibilitar uma prática mais suave às crianças, uma vez que as regras são mais flexíveis e não dependem de materiais e espaços específicos.

Nesse caso, observe-se que a luta foi abordada como um meio e não como um fim, ou seja, não lhes foi ensinado nenhum tipo específico de luta e sim os jogos como estratégia para alcançar os objetivos da Educação Física escolar, buscando uma formação integral dos sujeitos (CORSINO, 2013).

Em concordância com Leite, Borges e Dias (2012), salienta-se que objetivou-se trabalhar nas crianças a percepção do ato de lutar, com um enfoque relacionado aos aspectos disciplinares subjacentes às lutas, levando a criança a refletir sobre a tomada de decisões. Nesse ínterim, recorremos a algumas questões problematizadoras, quais sejam: “por que lutar?”, “com quem lutar?”, “devo lutar?”. A partir disso, as crianças passaram a se envolver mais nas aulas, assumindo um maior protagonismo, expressando dúvidas, opiniões e sentimentos.

Logo no primeiro encontro do bloco, enquanto realizamos uma explanação geral sobre a história das lutas, ocorreu uma manifestação interessante por parte de um aluno novato da turma. O garoto interpelou a explicação, com a seguinte pergunta: “cadê a bola, professor?”. Ora, tal questionamento denota o seu descontentamento com a ausência do jogo de bola, em especial, o futebol nos momentos da aula. Todavia, após ser respondido que a aula seria com o conteúdo lutas, o referido aluno apresentou uma expressão de empolgação, seguida por um segundo questionamento: “então vamos aprender a brigar, tio?”. Com efeito, salienta-se que a aula teve como foco principal construir junto conjuntamente com as crianças a diferença das lutas e das brigas.

No segundo encontro, destaca-se o desenvolvimento da atividade “lutando por território”, cuja proposta foi fazer com que os sujeitos se mantivessem dentro de um círculo retirando o oponente deste espaço. Aqui, um fato nos chamou a atenção: trata-se de um dos meninos ter se recusado a ser oponente de uma menina, alegando que ela era fraca e que garotas deveriam participar de brincadeiras de elástico, pois, segundo ele, “luta é coisa de homem”.

Ora, a partir do ocorrido, lançamos mão de uma pequena discussão com as crianças, convidando-as a refletirem sobre as condutas daquela natureza, envolvendo uma questão de preconceito de gênero. Por meio do debate, elas entenderam que as lutas podem ser práticas de ambos os sexos e, a partir de nossa intervenção, o menino aceitou participar do jogo de luta com a menina. Esse momento foi oportuno para discutir questões de gênero e endossar a importância da tolerância e do respeito entre meninos e meninas, valorizando a prática conjunta nas atividades de lutas, o que, por sua vez, contribui para a quebra de certos paradigmas sociais (BRASIL, 1997; RUFINO, 2017).

Dando continuidade à sequência das aulas, o terceiro encontro foi destinado para a vivência de mais jogos de oposição, de forma que as crianças se mobilizassem mais ainda na compreensão dos objetivos que cercam esse tipo de atividade. Verificamos que a sensibilização ocorrida por meio dos jogos notoriamente foi amadurecendo as leituras das crianças em relação aos limites corporais nas práticas de combate.

No transcorrer das primeiras aulas, fomos identificando um engajamento das crianças nas vivências promovidas, as quais passaram a ser cada vez mais específicas, evidenciando traços mais particulares de lutas previstas na classificação proposta por M. Gomes (2008), prevendo as manifestações em ações de curta, média e longa distância. Assim, para uma melhor dinâmica e segurança durante as atividades, priorizamos o início com as ações de longa distância, por ter em seu desenvolvimento menos contato corpo-a-corpo. À medida que as crianças foram se apropriando do controle gestual, avançamos para as ações de média e curta distância, respectivamente. Afinal, conforme assinalado por Rufino e Darido (2015), a distância entre os praticantes é um fator central nas lutas, ou seja, a proximidade entre os oponentes é o que vai diferenciar quais ações deverão ser tomadas durante uma luta.

As ações de curta distância se caracterizam pelo contato físico direto e pela menor distância entre os praticantes. As ações de média distância empreendem um espaço médio, ou moderado

entre os envolvidos e a menor aproximação ocorre em situações de ataque entre os oponentes. Já as ações de longa distância são definidas pela presença de um implemento, e dessa forma o contato entre os praticantes ocorre apenas pela manipulação desse implemento, a exemplo deste temos a esgrima (GOMES, M., 2008).

A partir disso, na quarta aula propiciamos aos alunos a vivência de conteúdos que apresentassem em sua prática ações de média e longa distância, onde enfatizamos aspectos históricos da esgrima, como manipular o implemento, bem como o desenvolvimento de alguns gestos e movimentos dessa modalidade por meio de jogos.

Já no quinto encontro, abordamos as ações de média e curta distância, dando ênfase ao *kabaddi* como conteúdo que propicia em seu desenvolvimento ações coletivas de contato. Aqui privilegiamos ações de toque nos braços e pernas e atos que proporcionassem o agarre e a queda, ou que provocassem o desequilíbrio do oponente.

Na sexta e última intervenção o foco foi em ações de curta distância, onde utilizamos os jogos: “brincando de sumô”; “a bola é minha” e “amigo do peito”. Nesse sentido, após uma vivência inicial com nossa interferência abrimos espaço para as crianças proporem e realizarem adaptações nesses jogos, oferecendo-lhes a oportunidade de criar regras diferentes, definir novas proibições e escolher estratégias variadas para o desenvolvimento das atividades.

Em linhas gerais, algumas mudanças nas concepções das crianças começaram a ser percebidas a partir de suas falas no transcórre da intervenção, em especial, durante a vivência das três últimas aulas com os jogos de oposição. Nesse momento, observamos que algumas ações mais receosas e, por vezes, exageradas no uso da força das crianças nas atividades das primeiras aulas, foram dando espaço para uma postura mais controlada, focada e cuidadosa, tanto em relação ao conteúdo previsto, quanto em relação ao colega que naquele momento era seu oponente. Tal percepção pode ser ilustrada, por exemplo, pela fala de Amanda Nunes (10 anos): “[...] eu pensava que lutar era mais relacionado a machucar outra pessoa ou a se defender de alguém agressivo pra sobreviver, mas nessas lutas do senhor a gente faz é se divertir”.

Com base no relato supracitado, percebe-se que alguns conceitos começam a ser redefinidos pelas crianças, cujo ato de lutar, que outrora era associado à agressividade, tomou nova forma a partir das vivências de lutas. O trecho de Amanda evidencia, ainda, um outro componente que transversalizou toda a proposta pedagógica: a ludicidade. Ao citar, “essas lutas do senhor”, atribui ao conteúdo uma distinção daquilo que ela compreendia anteriormente, em que a atmosfera lúdica parece ter proporcionado um olhar mais sensível das lutas no universo infantil.

Na esteira dessa discussão, Vítor Belfort (10 anos), também expôs que as lutas seriam diferentes do que ele imaginava antes de participar das vivências na escola. O garoto comentou: “Eu não sabia que tinha tantas regras por trás de uma luta, agora ficou mais claro professor”. Ora, tal relato denota que a falta de conhecimentos sobre as lutas é um fator que impulsiona o preconceito com essas práticas corporais, podendo levar as pessoas a inferirem que o praticante é agressivo e que as lutas são sinônimo de violência.

Ademais, constatamos que o comportamento aparentemente violento/agressivo das crianças previamente observado nos corredores da escola é justificado por elas como apenas “brincadeiras de lutinha”. Nesse sentido Farias, Wiggers e Almeida (2019, p. 10) apontam:

[...] o bater e o apanhar, o prazer e a dor, são expressões corporais que se confundem no universo das crianças em seu cotidiano escolar por meio de suas brincadeiras. O sentido atribuído pelas crianças, todavia, é bem distinto daquele dado pelo observador-adulto. Para as crianças, o que se faz presente é a atmosfera lúdica da brincadeira, enquanto para o adulto tais manifestações são sintomáticas da agressividade.

De mais a mais, para a avaliação do processo de ensino e aprendizagem das aulas, foi proposto que as crianças fizessem uma auto avaliação no contexto das seis intervenções realizadas com os jogos de oposição, expondo de forma dialogada com a turma. Com base nesse processo, foi perceptível nos discursos a apropriação dos conteúdos que foram ministrados, bem como a compreensão histórico-cultural das lutas, a sua incompatibilidade com atos de violência como as brigas, dentre outros aspectos.

Ainda sobre as intervenções, de maneira geral, destacamos um maior interesse não apenas dos meninos, mas também das meninas a respeito das lutas nas aulas de Educação Física, fato que não ocorria de forma plena no início da imersão em campo. Além disso, identificamos o potencial de tal conteúdo na melhoria do controle emocional, uma vez que estimulou as crianças a serem mais calmas e com maior autocontrole no tocante às condutas violentas. Podemos inferir, assim, que as estratégias utilizadas nas aulas ultrapassaram o ensino de técnicas e procedimentos, proporcionando em seu desenvolvimento reflexões e abordagens de valores essenciais para a construção de uma sociedade permeada por atitudes de respeito e empatia.

## Considerações finais

O presente trabalho teve como objetivo compreender o ponto de vista de crianças do 4º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública de tempo integral da cidade de Porto Franco (MA) acerca das lutas. Para tanto, considerou-se as suas produções culturais e as suas vivências nas intervenções pedagógicas promovidas com os jogos de oposição.

Através dessa pesquisa, foi possível reconhecer que para um significativo ensino das lutas no âmbito escolar, não tem como pré-requisito a graduação do respectivo professor em alguma arte marcial, tampouco sua experiência enquanto competidor de alguma modalidade. Não obstante, é necessária uma formação que sensibilize o acadêmico sobre a importância das lutas enquanto manifestação da nossa cultura corporal, aproximando-os dos conhecimentos básicos sobre as lutas (incluindo os aspectos históricos, os significados socioculturais, os gestos técnicos, os valores inerentes e seus respectivos benefícios). Isto sim é o balizador central para o ensino desse conteúdo na escola de forma segura e substancial.

Com efeito, após o desenvolvimento das intervenções com os jogos de oposição, as crianças demonstraram muito interesse pelas lutas e o professor de Educação Física da turma passou a utilizar alguns conteúdos aplicados durante essa pesquisa em suas aulas, inclusive com outras turmas da escola.

A estratégia da roda de conversa, por exemplo, viabilizou uma melhor interação entre pesquisador e pesquisados, possibilitando o registro de compreensões valiosas sobre as lutas. Já os desenhos, por sua vez, serviram de complemento para o pesquisador analisar a relação entre as lutas e a violência, conforme apresentada pelas crianças. Por fim, sublinha-se que o bloco de intervenções pedagógicas propiciou às crianças o melhor entendimento de alguns conceitos, que notavelmente destoaram das compreensões introdutórias.

A despeito da importância do tema, ratifica-se que é necessário um melhor aproveitamento do conteúdo lutas na escola, uma vez que, segundo a literatura, vem sendo pouco explorado pelos professores de Educação Física escolar. Esse conteúdo pode estimular a promoção de competências e habilidades básicas nas crianças através da vivência dos jogos, tornando-se, assim, uma prática pedagógica diferenciada e eficaz.

Concluimos que o desenvolvimento do conteúdo lutas na escola configurou-se como um importante mediador na ressignificação dos conceitos ofertados pelas crianças, que antes tinham a luta como uma prática violenta, com base em conhecimentos advindos do cotidiano. Porquanto, observe-se que a vivência das lutas em diferentes aspectos possibilitou às crianças a devida diferen-

ciação das práticas corporais representadas nas lutas com as situações de violência e agressividade que eles conheceram dentro e/ou fora da escola.

## Referências

- BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular: Educação é a base*. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018.
- BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física*. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997.
- BUCKINGHAM, D. *After the Death of Childhood: Growing Up in the Age of Electronic Media*. Cambridge: Polity Press, 2000.
- CÂMARA, H. C.; DUARTE, S. L. (org.). *A Pesquisa na Educação Física*. Mossoró: UERN, 2013.
- COLL, C. et al. *Os conteúdos na reforma: ensino e aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes*. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- CORREIA, W. R.; FRANCHINI, E. Produção acadêmica em lutas, artes marciais e esportes de combate. *Motriz*, Rio Claro, v. 16, n. 1, p. 1-9, 2010.
- CORSARO, W. *Sociologia da infância*. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- CORSINO, L. N. A concepção de professores de Educação Física sobre o tratamento das lutas no ensino fundamental. *EFDesportes.com*, Buenos Aires, ano 18, n. 181, jun. 2013.
- DEL VECCHIO, F. B.; FRANCHINI, E. Lutas, artes marciais e esportes de combate: possibilidades, experiências e abordagens no currículo de educação física. In: SOUZA NETO, Samuel de; HUNGER, Dagmar (org.). *Formação profissional em Educação Física: estudos e pesquisas*. Rio Claro: Biblióetica, 2006. p. 99-108. v. 1.
- FARIAS, M. J. A.; WIGGERS, I. D. Cotidiano e práticas corporais infantis: o lúdico e a violência em cena. *Motrivivência*, Florianópolis, v. 27, n. 45, p. 58-73, 2015.
- FARIAS, M. J. A.; WIGGERS, I. D.; ALMEIDA, D. M. F. D. Brincadeiras de luta e cultura infantil: análise de publicações em periódicos da Educação Física (2004-2013). *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, Brasília, DF, v. 23, n. 3, p. 181-195, 2015.
- FARIAS, M. J. A.; WIGGERS, I. D.; ALMEIDA, D. M. F. D. “Não é briga, não. É só brincadeira de lutinha”: cotidiano e práticas corporais infantis. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 22, p. 13, 2019.
- GOBBI, M. Desenhos e fotografias: marcas sociais de infâncias. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 43, p. 135-147, 2012.
- GOMES, M. S. P. *Procedimentos pedagógicos para o ensino das lutas: contextos e possibilidades*. 2008. 119 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.
- GOMES, N. C. et al. O conteúdo das lutas nas séries iniciais do ensino fundamental: possibilidades para a prática pedagógica da Educação Física escolar. *Motrivivência*, Florianópolis, n. 41, p. 305-320, nov. 2013.
- GUARÁ, I. M. R. É imprescindível educar integralmente. *Cadernos CENPEC*, São Paulo, ano 1, n. 2, p. 15-24, 2006.

LEITE, F. F.; BORGES, R. S.; DIAS, T. L. V. A utilização das lutas enquanto conteúdo da Educação Física Escolar nas escolas Estaduais de Araguaína – TO. *Revista Científica ITPAC*, Araguaína, v. 5, n. 3, 2012.

MARTINS, M. J. D. O problema da violência escolar: uma clarificação e diferenciação de vários conceitos relacionados. *Revista Portuguesa de Educação*, Braga, Portugal, v. 18, n. 1, p. 93-155, 2005.

MOLINA NETO, V. Etnografia: uma opção metodológica para alguns problemas de investigação no âmbito da Educação Física. In: MOLINA NETO, V.; TRIVIÑOS, A. N. S. (org.). *A pesquisa qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2004. p. 107-140. Edição Revisada e Ampliada.

RUFINO, L. G. B. Lutas. In: GONZÁLEZ, F. J.; DARIDO, S. C.; OLIVEIRA, A. A. B. D. *Lutas, capoeira e práticas corporais de aventura*. 2. ed. Maringá: Eduem, 2017. p. 29-90. v. 4.

RUFINO, L. G. B.; DARIDO, S. C. A separação dos conteúdos das “lutas” dos “esportes” na Educação Física escolar: necessidade ou tradição? *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 14, n. 3, p. 117, 2011.

RUFINO, L. G. B.; DARIDO, S. C. *O ensino das lutas na escola: possibilidades para a educação física*. Porto Alegre: Penso, 2015.

SOUZA, F. F. D. Impactos da indisciplina no currículo: implicações para os contextos de ensino e aprendizagem. *Horizontes*, Itatiba, v. 31, n. 2, dez. 2013.

WARSCHAUER, C. *A roda e registro: uma parceria entre professor, alunos e conhecimento*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

WIGGERS, I. D. Cultura corporal infantil: mediações da escola, da mídia e da arte. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Curitiba, v. 26, n. 3, p. 59-78, maio 2005.

Data de submissão: 23/02/2023

Data de aceite: 10/03/2023